

AUTOAVALIAÇÃO E AVALIAÇÃO MEDIADORA COMO CRITÉRIOS PARA O RECONHECIMENTO DOS ERROS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

SELF-ASSESSMENT AND MEDIATOR ASSESSMENT AS CRITERIA FOR THE RECOGNITION OF ERRORS IN THE TEACHING AND LEARNING PROCESS

Camila Perez da Silva¹
Ivany Steffany Brito Do Nascimento²
Railane Santos Sousa³

RESUMO: O trabalho reflete acerca da importância da autoavaliação realizada pela docência e pelo alunado, e da aplicabilidade da avaliação mediadora como meio de reconhecimento e superação dos erros e das adversidades encontradas ao longo do caminho percorrido na construção do saber, que podem ser solucionados através de uma revisão das práticas pedagógicas, e contribuir para o relacionamento entre os indivíduos envolvidos nesse processo. Partimos das perspectivas de BIANCHINI et al (2009), BRANDES (2005), VIEIRA (2013) e HOFFMANN [s.d], que discorrem a respeito das propostas e possibilidades avaliativas, da mudança de perspectiva no que se refere ao ato de avaliar e ser avaliado, mostrando que, este vai além da mera medição do conhecimento e da atribuição de notas, pois isso não é o que define o êxito no desenvolvimento do aprendiz. Foi constatado que a interpretação do erro como determinante de fracasso é prejudicial para a aprendizagem do aluno, pelo fato de gerar ansiedade e uma busca excessiva pela perfeição, o medo da reprovação bloqueia o desenvolvimento da sua criatividade e interfere em sua desenvoltura no referido contexto, além de impedir o aprimoramento das suas habilidades.

Palavras-chave: Avaliação; Aprendizagem; Erros.

ABSTRACT: The work reflects on the importance of self-assessment carried out by teachers and students, and the applicability of mediating assessment as a means of recognizing and overcoming errors and adversities encountered along the path taken in the construction of knowledge, which can be resolved through a review of pedagogical practices and contribute to the relationship between the individuals involved in this process. We start from the perspectives of BIANCHINI et al (2009), BRANDES (2005), VIEIRA (2013) and HOFFMANN [nd], who discuss the proposals and evaluative possibilities, the change of perspective regarding the act of evaluating and being evaluated, showing that this goes beyond the mere measurement of knowledge and the attribution of grades, as this is not what defines success in the development of the learner. It was found that the interpretation of error as a determinant of failure is harmful to student learning because it generates anxiety and an excessive search for perfection, the fear of failure blocks the development of their creativity and interferes with their resourcefulness in that context, in addition to preventing the improvement of their skills.

Keywords: Evaluation; Learning; Errors.

¹Professora Adjunta I da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Pós doutoranda em Educação pelo Departamento de Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Subjetividade e Cultura (GEPESC/UFSCar).

²Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, ivanyascimento.20190001810@uemasul.edu.br

³Acadêmica do curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão, railanesousa.20190001490@uemasul.edu.br

INTRODUÇÃO

A Avaliação Educacional foi, durante muito tempo, encarada somente como uma maneira de analisar os níveis de desenvolvimento dos educandos, como meio de categorizá-los, mensurando os seus conhecimentos com base no que é exposto em sala de aula pelo professor, isto é, dando continuidade ao ciclo de demonstrar um conteúdo, realizar um exercício avaliativo e estabelecer uma nota no final do período, determinando as suas capacidades e invalidando as suas experiências externas e/ou complementares. Entretanto, com o passar dos anos, essa concepção ultrapassada e limitada do ato de avaliar, no âmbito da educação, vem perdendo a sua força e ganhando um novo sentido, que se desprende dessa perspectiva tradicional de que a avaliação é um julgamento do indivíduo que se encontra na posição de aprendiz.

Quando falamos em avaliar um aluno, não se trata de denominar ou classificar um sujeito como bom ou ruim, haja vista que o ser humano está em constante evolução, desenvolvimento e aprimoramento de suas habilidades. Desse modo, a avaliação educacional surge como uma forma de acompanhar esse desenvolvimento e elaborar maneiras de assistir as precariedades do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, analisar a eficácia dos métodos e metodologias, e buscar maneiras de reparar as suas falhas, ressaltando a importância e a função de cada membro desse processo. Assim sendo, encontramos-nos em uma via de mão dupla, um olhar voltado, ora para o educador, ora para o educando; bem como se faz indispensável que seja realizada, regularmente, uma análise institucional para entender os resultados a partir da organização; e familiar, tornando-se conhecedor e compreensivo da realidade sociocultural e econômica dos componentes da classe.

Sendo o desenvolvimento um procedimento delicado e dependente de toda a atenção que se possa oferecer, e que obedece a ritmos diferentes em cada uma de suas fases, o seu acompanhamento também deve ser feito com cautela e dedicação, portanto, são estabelecidos diferentes tipos de avaliação educacional, exercidos desde o início da formação; durante a construção dos significados e concepções, e levantamento de hipóteses; até o momento de ultrapassar cada uma das etapas. Na íntegra, são maneiras de analisar o ensino de forma mais abrangente, identificando os obstáculos e oferecendo soluções ao longo da formação dos estudantes.

O presente trabalho, vem tratar especificamente da autoavaliação e da avaliação mediadora; de suas funções no contexto educativo e do valor de sua influência ao longo da jornada de desenvolvimento do aluno, bem como do professor, analisando os erros e acertos e o papel de cada um desses indivíduos durante essa trajetória, com o propósito de oferecer um novo delineamento acerca da sua funcionalidade para impulsionar a sua relação com o saber. Para tanto, foram utilizadas pesquisas de cunho bibliográfico – livros, teses e dissertações – acompanhadas de nossas experiências pessoais.

AUTOAVALIAÇÃO

Assim como a sua denominação nos faz interpretar, a autoavaliação indica um olhar para si, uma análise do nosso desempenho e rendimento na realização de algo. A partir da observação da própria performance, é alcançada uma oportunidade de gerar melhorias e corrigir ou amenizar quaisquer complicações encontradas no percurso do autoconhecimento.

Avaliar-se é um processo de introspecção fundamental no ambiente escolar, pois, nos torna conscientes de nossos atos, entretanto, é necessário reconhecer que o processo de ensino e aprendizagem, depende, principalmente, da tríade formada pelo educador, educando e pela

instituição de ensino, sem anular o valor da presença familiar e o poder de interferência que ela apresenta, em razão da criança se espelhar nas pessoas que a cercam. Dessa forma, cada indivíduo possui um peso na formação do aluno, o que traz a necessidade da realização de uma análise recorrente de seus atos.

A autoavaliação pode ser um mecanismo de liberdade e autonomia, todavia, é possível somente quando se tem o conhecimento de que errar também é um elemento que se faz presente ao longo da nossa formação, quando se compreende onde errou e o que ocasionou o erro, e faz-se uma reflexão acerca dos ocorridos. O reconhecimento do erro é a chave para o aperfeiçoamento das práticas educativas, que advém de uma releitura das didáticas utilizadas para possibilitar a construção do conhecimento.

Francisco e Moraes (2013) afirmam:

[...] ao pautar-se em uma concepção pedagógica mais construtiva, em que o aluno vai construir o seu próprio saber e o professor vai mediando esse processo, a avaliação assume um papel mais abrangente, pois passa a proporcionar reflexões a quem está sendo avaliado sobre os avanços e as dificuldades de cada um. Assim, será possível progredir na construção do conhecimento e possibilitar ao professor refletir sobre seu próprio trabalho, bem como fornecer dados sobre as dificuldades de cada aluno [...]. (FRANCISCO e MORAES, 2013, p. 14971)

Reconhecer um erro é, portanto, uma forma de identificar que algo ou alguém, necessita de uma atenção especial, para assim aprimorar a sua produtividade, quebrando os paradigmas que determinam que aquele que comete um erro é ruim ou fracassado, pois, errar faz parte de aprender. Logo, assinalar e aceitar um erro, é tão importante quanto apresentar exatidão em determinada atividade, e se mostra ainda mais influente na aprendizagem, no sentido de impulsionar a busca por novas fontes de estudo e pela veracidade de informações; enquanto um simples acerto, apesar de crucial e de ser uma enorme conquista, quando mal interpretado, pode provocar estagnação na jornada evolutiva. Por outro lado, é importante e extremamente necessário que o professor também saiba prestigiar os acertos, as superações, para que o aluno esteja sempre ciente de que está obtendo retorno.

Segundo Macedo apud Bianchini *et al* (2009):

As representações do erro no contexto escolar estão relacionadas [...] às concepções sobre “errar” em nossa sociedade. Estas, por sua vez, são dotadas de valores, crenças, regras e costumes relacionados a um padrão estabelecido de normalidade. Por isso, o sujeito enquanto um ser social caminhará na tentativa de cumprir o que está estabelecido como padrão, quem não cumpre é excluído, é anormal. (MACEDO apud BIANCHINI *et al*, 2009, P. 7793)

Padrão esse, que na escola, é medido através de exames, sua função é apenas verificar repostas e classificá-las, mensurar o conhecimento de maneira excludente, gerando inseguranças e apreensão em se tratando de expor o próprio pensamento. Por medo do julgamento, o aluno adere uma caracterização errônea de suas competências e passa a ser retraído, passivo e condescendente de quaisquer opiniões que lhes são transmitidas.

Assim, cita Piaget apud Bianchini *et al* (2009):

A crítica de Piaget sobre a educação formal, é que está se limita a preocupar-se com os resultados e não com o modo como o sujeito chegou a eles, deixando de considerar riquíssimas construções realizadas pelo aluno, mesmo aquelas apresentadas numa situação de erro. Assim, se o erro é considerado como constituinte do processo de construção do conhecimento, como os educadores

devem intervir diante desta situação? (PIAGET apud BIANCHINI et al, 2009, p. 7790-7791)

Desse modo, o professor deve gerar comodidade para o estudante, a fim de que ele não se sinta pressionado para sempre obter os melhores resultados, pois o seu desenvolvimento ocorre gradativamente e cada conquista deve ser apreciada e usada como um meio de motivação, isto é, para que ele passe a ver os seus erros como aquisição de experiência para atividades futuras e não como fracasso.

Segundo Macedo *apud* Bianchini *et al* (2009):

[...] o mais importante não é considerar o resultado e sim que o sujeito reflita sobre as suas ações, levante hipóteses mesmo que estas estejam “erradas”. O desafio do professor está em transformar o erro em uma situação de aprendizagem, mas para isto o professor precisa estabelecer o que é consciente à criança e o que não é. (MACEDO apud BIANCHINI et al, 2009, p. 7791)

No atual contexto em que vivemos a habilidade de se autoavaliar é indispensável, dentro e fora do ambiente escolar, pois é uma forma de refletir a respeito de seus atos, e, conseqüentemente, obter evolução cognitiva e intelectual, pois é necessário analisar onde estão os empecilhos para que seja possível ultrapassá-los. Tudo isso, contribuirá para a vida acadêmica e poderá ser transposto na vida pessoal e social dos discentes, quando se encontrarem diante de uma situação que necessita de participação, intervenção e críticas; quando diante de uma divergência de ideias, sendo firme e confiante das próprias palavras; sendo, enfim, um cidadão ativo socialmente.

O PROFESSOR

O processo de desenvolvimento do aluno, não depende única e exclusivamente da sua produtividade, esse procedimento abarca uma série de fatores e pessoas envolvidas. Dessa forma, quando algo não ocorre de acordo com o planejamento realizado pelo professor em suas sequências didáticas, deve ser feita uma releitura dos métodos e metodologias, ou seja, uma reavaliação de um dos currículos escolares apresentados por Silva (2005), o currículo oculto, que se concentra nas formas de transmissão dos conteúdos.

O professor deve estar atento às dificuldades enfrentadas em sala de aula, e criar oportunidades para que os alunos estejam sempre ativos durante a exploração dos conteúdos, incentivando a criatividade, a curiosidade e a interatividade entre os alunos com os seus pares e também com o próprio educador, pois essa socialização gera conforto e confiança, o que facilita o aproveitamento das aulas, tendo em consideração que, a criança encontra na escola, pessoas que serão visualizadas como membros secundários de sua família, ou que podem até mesmo serem tratadas com o mesmo valor, e ainda como confidentes, em conformidade com o exposto por Brandes (2005, p. 33) “[...] a avaliação da aprendizagem escolar implica um ato amoroso, já que caracteriza uma ação de cuidar, que tem como meta incluir o educando. [...]”.

Segundo Brandes (2005):

A concepção construtivista da aprendizagem escolar implica uma concepção também construtivista da intervenção pedagógica. Se o aluno constrói suas estruturas mentais através de aprendizagens significativas, a atuação educacional do docente deve proporcionar as condições favoráveis para que os esquemas do conhecimento atinjam os objetivos pretendidos. (BRANDES, 2005, p. 21)

Portanto, o professor deve participar desse processo, não somente como uma maneira de cumprir o programa, ou de cumprir o seu trabalho, deve estar ciente de que está participando da formação da identidade dos estudantes, dessa forma, deve procurar maneiras de despertar o interesse dos alunos, para que estes tenham o gosto pelo aprendizado, e não participem somente por obrigação, pois apesar de o currículo escolar ser regulamentado pelas habilidades e competências determinadas pelos documentos normativos nacionais, estaduais e municipais, estes são somente uma forma de nortear o professor nos pontos de enfoque durante o ano letivo.

as habilidades não descrevem ações ou condutas esperadas do professor, nem induzem à opção por abordagens ou metodologias. Essas escolhas estão no âmbito dos currículos e dos projetos pedagógicos, que, como já mencionado, devem ser adequados à realidade de cada sistema ou rede de ensino e a cada instituição escolar, considerando o contexto e as características dos seus alunos. (BRASIL, 2017, p. 30)

Apesar do exposto, o professor não deve acatar as informações como uma forma de pressioná-lo durante a sua atuação na sala de aula, mas como uma oportunidade de reduzir as chances de cometer equívocos, ou seja, aprender com os seus próprios erros, e a cada vez que precisar fazer uma reavaliação dos seus cronogramas, deve procurar novos aliados que o auxiliarão no quesito educativo.

O educador deve se agarrar às maneiras que ele tem de dinamizar as suas aulas, de proporcionar experiências de modo que os educandos alcancem os seus objetivos no ambiente escolar. Deve também, atentar-se para trabalhar uma dificuldade por vez, não tentar resolver todas ao mesmo tempo, respeitando as diferenças encontradas na classe.

Além disso, outra atitude que deve ser tomada pelo professor, é deixar os alunos livres para que possam ousar, valorizar as suas ideias, ajudá-los a compreender que as suas teorias não são absurdas, pois o que eles falam e pensam não deve ser deixado em segundo plano. Assumindo essa conduta, o professor estará novamente ressaltando o seu protagonismo e à medida que destaca as suas aptidões, também os instiga a sair da zona de conforto.

Sendo colocados de frente a novos desafios, os alunos enfatizarão a sua voz ativa e obterão mais facilidade em decisões sobre o seu futuro, em externalizar o seu pensamento, se conhecerá por completo e propiciará a aplicação dos conceitos adquiridos e formados em outros campos de sua vida, tornando-se um adulto bem resolvido, comunicativo e perspicaz.

Dessa forma, a autoavaliação realizada por parte do professor, significa ter um novo olhar acerca das suas práticas pedagógicas e elaborar um planejamento que possa abranger as singularidades de seu alunado, e o reconhecimento de seus erros é a ponte para o aperfeiçoamento da execução do seu trabalho.

O ALUNO

Os valores da “pedagogia do exame” estão profundamente internalizados nos alunos, assim, a avaliação é vista como a finalização do processo de compreensão dos conceitos, o momento em que as expectativas de aprendizagens se concretizam. Dessa forma, “Na perspectiva dos alunos a avaliação é geralmente entendida como o fim do processo, isto é, devem esforçar-se por obter bons resultados e não por melhores aprendizagens” (Vieira, 2013, p. 18), ou seja, os alunos depositam a sua atenção e os seus esforços, para conseguir uma nota aprovativa no final do período e perdem o interesse pelo real sentido do seu aprendizado.

Portanto, aquilo que seria denominado como a concretização do ensino, acaba por uma falsa formação, considerando que as habilidades dos alunos não foram exploradas e desenvolvidas

por completo, o que torna a escola, um lugar de frustrações, pois, tem-se uma falsa visão de que o caminho a ser percorrido é crescente e linear, logo, não há espaço para erros ou falhas, essas irregularidades dificultam a performance do aluno quando tenta exercer em sua vida pessoal, os conceitos estudados em sala de aula, pois não adquiriram autonomia e propriedade sobre os conteúdos.

Dessa forma, o que deveria ser de fácil resolução, longe disso, gera apreensão por parte dos alunos, dado que, é posta em uma ou mais provas, toda a carga avaliativa do semestre, que irá se transfigurar na nota e qualificar os esforços em bons e ruins, ao invés de contribuir com o processo e acompanhar a evolução dos alunos de forma saudável, gera medos e inseguranças que os bloqueiam de acessar as informações. Logo, “A percepção que os alunos têm da avaliação, a importância que lhe atribuem, têm implicações na forma como se posicionam nas suas aprendizagens, a qual é também influenciada pelo ambiente de aprendizagem” (Vieira, 2013, p.19).

Então, uma reflexão sobre si, contribuirá para que o indivíduo tenha domínio e autoconhecimento, o que será excepcional para sistematizar os seus métodos de estudo e aumentar os níveis de absorção e interpretação dos conteúdos, visto que, as funções neurais que respondem às aprendizagens são únicas e se conectam de forma diferente em cada indivíduo, e não devem se deixar abater por comparações costumeiras e deveras injustas.

Vale ressaltar, o valor do controle emocional para o desempenho do aprendiz em sala de aula, pois se este não apresenta segurança sobre si, não consegue desenvolver a sua criatividade, o que gera autocobrança e necessidade de aprovação e inibe o desejo por aprender, deixando de se permitir tentar, por medo de fracassar, e acaba perdendo as experiências que seriam adquiridas por viver o processo, ou seja, ele se prende no passado – revivendo os seus erros – e no futuro – por medo de errar novamente – e não se faz presente.

Nesse sentido, Cury (2014) afirma que:

[...] os professores precisam saber educar a emoção e trabalhar as funções mais importantes da inteligência para formar pensadores, e não repetidores de informações. Pensadores filtram o que ouvem; repetidores de informações obedecem a ordens, têm baixo nível de consciência crítica e autonomia. [...] Formar pensadores e educar a emoção é vital e urgente. (CURY, 2014, p. 48-49)

A contar do momento em que o aluno é colocado como o protagonista no seu processo de desenvolvimento, e deixa de ocupar a posição de passividade, sem direito a questionamentos, ele deve reconhecer também o seu papel durante essa construção. Isto é, o educando deve buscar novas fontes de conhecimento, analisar novas teorias, e assim formar as suas opiniões, tornando-se um aluno proficiente, visto que, todos esses fatores são considerados e possuem uma forte relevância na sua formação, assim como explicitado por LUCKESI apud BRANDES (2005, p. 23) “aprendizagem ativa é aquela construída pelo educando a partir da assimilação ativa dos conteúdos socioculturais. Isso significa que o educando assimila esses conteúdos, tornando-os seus [...]”.

GESTÃO

Evidenciada a relevância individual e conjunta do educador e do educando no processo de ensino e aprendizagem, é necessário adicionarmos outro aspecto fundamental para o seu desenrolar: Gestão Educacional. É extremamente relevante que os professores se esforcem em elaborar um planejamento alicerçado pelo construtivismo, com metodologias ativas, alinhados às

legislações vigentes e teorias legitimadas; e que o aluno cumpra o seu papel participativo, pesquisador, e, portanto, proficiente. Mas para que o ensino se dê de forma efetiva, é necessário que haja também um bom suporte, uma boa liderança. Para tanto, o corpo docente e o alunado devem ter conhecimento dos seus direitos, advindos da organização institucional, e que está também faça uma análise de suas funcionalidades.

Nesse sentido, a autoavaliação é importante para que a gestão reveja o seu papel na formação dos discentes. A coordenação de uma instituição educacional deve contribuir para o ensino, principalmente através de uma gestão democrática, ou seja, uma escola que se desenvolve no fazer coletivo, estimulando a participação e interatividade, dos professores, dos estudantes e dos seus familiares, isto é, dando espaço para que possam argumentar sobre a elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP), da estrutura curricular, sobre as suas necessidades, dificuldades etc., atuando com transparência.

De acordo com Ferreira e Aguiar (2000):

A avaliação institucional se torna essencial ao processo de gestão e a promoção de mudanças. A função da avaliação é a de buscar alternativas que permitam a correção de rumos, transformação da realidade, o caminhar da realidade presente, da situação identificada, para a realidade futura desejada. [...] (FERREIRA e AGUIAR, 2000, p. 160-161)

Todos os constituintes dessa trajetória possuem voz, e esta deve ser valorizada. Escutar os alunos, seja em contestação, questionamentos ou em um elogio, despertará um sentimento de ser integrante de um grupo, de ser respeitado, exercitando desde muito cedo, autonomia e autoconfiança, verão através do exemplo da própria instituição o valor dos recomeços e aprimoramentos, ora proporcionados pelos erros e autorreflexão. Os erros, como bem descritos anteriormente, não são finais de processos ou sinônimo de fracasso, longe disso, permite a reinvenção no processo de ensino, novas formas de ensinar e/ou de compreender os conteúdos.

Conforme Ferreira e Aguiar (2000):

[...] Torna-se particularmente oportuno desencadear uma avaliação institucional no momento de acompanhamento e processos de mudança. A avaliação tem uma função diagnóstica, oferecendo informações analisadas e criticadas, fundamentais para a tomada de decisão, tanto na elaboração, quanto durante todo o acompanhamento do plano, permitindo a permanente correção de rumos na direção da finalidade da educação. (FERREIRA e AGUIAR, 2000, p. 160)

Outrossim, é imprescindível que a comissão organizacional reflita acerca das condições do espaço físico que se encontra disponível, sempre cuidando para um ambiente adequado e bem estruturado, oferecendo os recursos necessários para uma educação de qualidade. A partir do momento em que os estudantes percebem a sua importância e toda a atenção que estão recebendo, são novamente motivados a adquirir prazer no aprender, a refletir sobre a postura de aprendiz, corrigir os seus erros e continuar explorando novas formas construir as suas concepções, buscando a cada dia umas novas oportunidades de adquirir conhecimentos.

AVALIAÇÃO MEDIADORA

A avaliação mediadora, compõe os diversos tipos de avaliação que fazem parte do processo educativo, entretanto, ela está presente de forma íntegra na educação, e deve ser utilizada consoante aos demais elementos, pois, à medida que, o professor atua de maneira reflexiva a

respeito de suas práticas, ele está otimizando as formas de auxiliar o aluno na construção das suas concepções.

Diferente dos exames, surge de modo a acompanhar a evolução dos alunos durante o seu processo. Vale ressaltar que o professor também se caracteriza um aprendiz, visto que, além do seu exemplo moral de alguém que está buscando e construindo seus conhecimentos, o aluno também deixa de enxergá-lo como uma figura autoritária e passa a vê-lo como alguém que está disposto a orientá-lo e tirar as suas dúvidas abertamente.

Surge, portanto, a figura do professor mediador, conforme explicitado por Freire *apud* Brandes (2005):

[...] A aprendizagem acontece quando o professor cria possibilidades para a construção do conhecimento, quando favorece um ambiente onde as indagações e curiosidades por parte dos alunos são estimuladas, onde há disponibilidade para o diálogo e quando há respeito à autonomia do ser do educando. [...] (FREIRE *apud* BRANDES, 2005, p. 23)

O professor, para contribuir no desenvolvimento autônomo de seus alunos, não deve apenas grafar os seus erros em vermelho, como muito se faz, considerando que, ele notificará o erro, não haverá reflexão sobre ele, possibilitado ainda a sua reincidência, por não serem superados da melhor forma. O que se deve fazer é favorecer oportunidades para que o educando se questione e aprimore as suas habilidades.

[...] autoavaliação não é autonotação. Ela não pode ter como objetivo maior a atribuição de uma nota, mas a reflexão e o entendimento de um processo percorrido e seus significados. Só que, para isso ser concretizado, o aluno não pode ter uma única oportunidade no final de um bimestre, como ocorre em muitas situações em que ele preenche uma ficha, dizendo em que foi bem e em que precisa melhorar e, a partir disso, atribui a si mesmo um valor quantitativo, responsabilizando-se unicamente pelo seu sucesso ou fracasso. (FRANCISCO e MORAES, 2013, p. 14972)

Ademais, a avaliação deve ser realizada de maneira individual, respeitando as peculiaridades dos alunos – os ritmos de aprendizagem, o contexto social em que cada um está inserido e as personalidades – e traçando metas, para que sejam alcançados os objetivos, além de arquitetar mecanismos que proporcionem a inclusão de todos, ao invés de excluir aqueles que possuem maiores dificuldades, como também acontece, pois a avaliação mediadora pode ser utilizada com a finalidade de democratizar o ensino, para tanto, é necessário que o professor mude as suas perspectivas a respeito de avaliação, Brandes (2005, p.28) afirma “A dinâmica da avaliação é complexa e não linear, pois necessita ajustar-se aos percursos individuais de aprendizagem que se dão no coletivo e em múltiplas dimensões.”

Seguindo essa perspectiva, Hoffmann [s.d] nos traz os três princípios básicos da avaliação mediadora, sendo eles o princípio ético de valorização das diferenças, princípio pedagógico de ação docente investigativa e o princípio dialético de provisoriedade e complementaridade, onde o primeiro compreende que todos os educandos devem desenvolver as habilidades e competências, enfocando as dificuldades analisadas pelo educador; o segundo, designa que o educador esteja a par dos desafios que devem ser superados e estar preparado para a elaboração de um novo plano de ação; e o terceiro, determina que haja relação entre a experiência acadêmica e a realidade do discente, e possam sempre ser utilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Diante do exposto, torna-se possível compreender o essencial papel da autoavaliação e da avaliação mediadora em acompanhar e auxiliar na evolução dos alunos, do professor e da escola, durante a trajetória estudantil; como empregá-las em sua melhor forma, ou seja, entendendo que todos são capazes de aprender, sem determinar padrões de separação, baseados em quem absorve melhor os conteúdos ou os decora facilmente, entendendo que reconhecer os erros é o primeiro passo para aprender.

Os professores e alunos precisam de esclarecimento acerca do real sentido da avaliação educacional, pois, ambos possuem uma visão retrógrada, que transpassa conformismo no que se refere ao fracasso escolar, e não respeita os ritmos de aprendizagem, perpetuando a elitização do ensino, além da seletividade e da exclusão no âmbito educativo.

Deve-se compreender que o ensino é dual, logo, é fundamental uma relação de confiança, aceitação e respeito entre o educador e o educando. Durante todo o processo de ensino e aprendizagem, deve ocorrer uma relação dialogada, o educador, como mediador, deve dar espaço para que os alunos possam relatar suas experiências e os obstáculos que foram, por eles, identificados, havendo sempre uma iniciativa e um retorno de ambos os lados, o que proporcionará a superação dos percalços rotineiros.

É relevante também que seja feita, regularmente, uma análise dos coeficientes de aprendizagem atingidos na instituição, como meio de acompanhar os resultados e avaliar o decurso. Nota-se que a gestão educacional também necessita realizar autoavaliação, para entender onde pode acrescentar para os docentes e discentes, e proporcionar melhorias. Além disso, também demonstra uma postura mediadora, visto que, o seu suporte é indispensável durante todo o percurso estudantil. Assim como o professor e o aluno devem se esforçar para o êxito educacional, a instituição e as autoridades governamentais devem disponibilizar um ambiente propício e os recursos para a realização das aulas.

REFERÊNCIAS

BIANCHINI, L. G. B. *et al.* **Significações do erro em alunos nas salas de apoio à aprendizagem.** Paraná: EDUCERE, 2009.

BRANDES, S. **A avaliação mediadora e sua contribuição na aprendizagem escolar: possibilidades e limites, na perspectiva do professor.** 2005. 100 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pedagogia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

CURY, A. **Ansiedade: Como enfrentar o mal do século.** A Síndrome do Pensamento Acelerado: como e por que a humanidade adoeceu coletivamente, das crianças aos adultos. São Paulo: Saraiva, 2014.

FERREIRA, N. S. C.; AGUIAR, M. A. da S. (Org.). **Gestão da Educação: impasses, perspectivas e compromissos.** São Paulo: Cortez, 2000.

FRANCISCO, J. G. G., MORAES, D. A. F. de. **A autoavaliação como ferramenta de avaliação formativa no processo de ensino e aprendizagem.** Paraná: EDUCERE, 2013.

HOFFMANN, J. **Avanços nas concepções e práticas da avaliação.** [s.l.]: [s.n.], [s.d].

VIEIRA, I. M. A. **A autoavaliação como instrumento de regulação da aprendizagem.** 2013. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pedagogia, Universidade Aberta, Lisboa, 2013.